

*editorial

Luís Ramos Lopes



Branços do sul

Não há muitos anos, uma boa parte dos “fazedores de opinião” tinha como certo que o sul de Portugal, com excepção de Bucelas, não servia para fazer bons vinhos brancos. O tempo se encarregou de os desmentir e a prova de “brancos do sul” que publicamos nesta edição exalta qualidade e diversidade como nunca se viu.

Verdade seja dita, o sul de Portugal, em termos de identidade vínica, não existe. Tal como o norte, aliás. A área geográfica que habitualmente se entende como o sul de Portugal abrange várias regiões de vinhos, com solos, climas e castas bem distintos. Podemos dizer que no sul encontramos, globalmente, regiões mais frescas e regiões mais quentes, e que isso pode determinar diferentes aptidões para produzir vinhos brancos de qualidade superior. Mas, dentro de cada região, a diversidade é tanta a tantas são as excepções à regra, que a regra deixa de fazer sentido. E, depois, há o factor humano, demasiadas vezes esquecido nestas equações. Na verdade, são as pessoas que decidem que castas e clones plantar, onde plantar, como trabalhar a vinha, como fazer o vinho. No final, o que encontramos dentro da garrafa resulta tanto das condições intrínsecas da região ou local específico como das boas ou más decisões tomadas ao longo do processo. Por isso, generalizar cegamente em matéria de vinhos, não é sequer mau, é apenas estúpido.

Para efeito de selecção de vinhos para o nosso painel de prova, Lisboa, Tejo, Setúbal, Alentejo e Algarve foram as regiões que assumimos como “sul”. Dentro desta vasta área geográfica, a diversidade de estilos e conceitos, de aromas e sabores, é gigantesca. Não há traços comuns, nem poderia haver. Se algo une os vinhos brancos das cinco regiões em prova é apenas a muito elevada qualidade média e, algo que surpreenderia os

“descrentes” nos méritos do sul, a capacidade de conciliar corpo e frescura.

Claro que neste conjunto de regiões, sub-regiões e “terroirs” existem elementos que ajudam a traçar padrões. Por vezes são as castas a liderar o processo de busca de identidade: Antão Vaz, Fernão Pires ou Moscatel podem remeter-nos para Alentejo, Tejo ou Setúbal, por exemplo. Mas as castas nem sempre são de fiar dada a enorme paleta ao dispor dos produtores (a tabela da página 48 é suficientemente esclarecedora). Na maior

parte dos casos, a região marca o vinho gerando, por exemplo, a característica acidez atlântica dos brancos de Lisboa ou a opulência e cremosidade dos algarvios.

No capítulo das castas do sul, permitam-me que evidencie duas que muito aprecio. A primeira, a variedade Arinto, para mim a melhor uva branca portuguesa, pela sua enorme adaptabilidade aos mais variados terrenos e climas e capacidade a

solo ou como melhoradora de lotes. A segunda, a Antão Vaz, é o contrário do Arinto: não gosta de sair da terra onde nasceu e, ao fazê-lo, perde a sua personalidade e facilmente se transforma de excelente em vulgar.

Destacá-la aqui pede uma declaração de interesses: não tenho vinhas ou vinhos mas a minha mãe tem as suas raízes na região da Vidigueira, berço da Antão Vaz e terra à qual me unem bastantes afectos. No final da prova cega, ao ser revelado que havia dois Antão Vaz da Vidigueira entre os cinco primeiros classificados, confesso que fiquei contente. Penso que não me levarão a mal por isso.

**Generalizar
em matéria
de vinhos,
não é sequer
mau, é apenas
estúpido.**